

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 932	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Portugal (franco de porte, m. forte)	35800	15900	5950	5120	20 DE NOVEMBRO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	45000	25000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	55000	25500	—	—		



SUA Magestade a Rainha Regente D. Maria Pia

Chronica Occidental

Fecharam as camaras e até janeiro podem os deputados da nação aproveitar o prolongado verão de S. Martinho com que o céu nos mimosa e, fazendo calculos metereologicos e agricola-financeiros, gosar a aldeia pacata. Depois, em janeiro, será o principio do fim, e não lhes tardará muito o momento em que tenham de, nos bilhetes de visita, escrever por baixo do nome, que não chegou á celebridade: «Ex-deputado da nação portugueza.»

Não se julgue entretanto que a politica esmoreceu de todo. Quem, por dever ou costume ou vicio, passa o almoço com todos os jornaes politicos desdobrados ao lado sobre a toalha e não desdenha da politica á hora do café, depois do jantar, poderá consultar os periodicos, como quem olha para um barometro, e prever, por um d'estes calculos de probabilidades, que n'estes assumptos falham muitissimo, o que nos espera de temporaes ou bonança de meados de janeiro por deante.

E' claro — ou não se tratasse de finanças — que é ainda o contracto dos tabacos o mais discutido. Volumes foram escriptos, volumes se hão escrever. Não admira que o dinheiro seja tão falado em prosa, se até Camões lhe dedica tres estancias nos *Lusiadas*, que, por signal, são as ultimas do Canto VIII, uma chave d'ouro de que elle diz r'al.

Os srs. Conde de Burnay e Vianna, administradores da Companhia dos Tabacos, já tiveram uma demorada conferencia com o sr. Espregueira sobre o assumpto, e até o sr. José Luciano de Castro, em sua casa, tem sido pelo sr. Conde varias vezes procurado. Os jornaes dão logo conta do caso, attribuindo-lhe, como deve ser, a maior importancia.

Tambem El-rei, sr. D. Carlos, antes de partir, conferenciou largamente com o sr. Presidente do Conselho, informando as gazetas que o fizera recommendando-lhe a maior moderação na resolução dos mais graves negocios pendentes e manifestando-lhe seu desejo de, tanto quanto possível, se evitar o exercicio de dictaduras.

Os telegrammas officiaes e particulares continuam dando noticia do entusiasmo com que os reis de Portugal tem sido recebidos em Inglaterra. A viagem foi magnifica e as auctoridades francezas cercaram os monarchas portuguezes de todas as attenções. O sr. D. Carlos, apenas entrou em França, telegraphou ao Presidente Loubet.

O telegramma do sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, datado de Windsor ás duas horas e meia da tarde do dia 16, e dirigido ao sr. Presidente do Conselho, dá conta de toda a recepção, desde a chegada do yacht *Victoria and Albert* a Cherburgo, onde o principe de Galles esperava os reis de Portugal. El-rei e a Rainha de Inglaterra esperaram seus parentes em Windsor, onde a guarda de honra era feita por um regimento de granadeiros. A recepção foi brilhantissima e grande o entusiasmo da população.

Toda a imprensa ingleza se refere á viagem fazendo o elogio do sr. D. Carlos e da sr.^a D. Amelia. Nenhum d'elles se esquece de citar o nome do Marquez de Soveral, diplomata a quem tanto deve o nosso paiz e que, como de todos é sabido, goza em Inglaterra as maiores sympathias.

Festas, caçadas, mensagens das municipalidades, o que era do programma e quanto fóra d'elle se tem realisado, tudo tem concorrido para que os laços de amizade entre as duas nações — phrase tão repetida cá e lá — pareçam cada vez mais estreitar-se. Seja assim para bem de nós todos, é o que patrioticamente se deve desejar.

Para que tudo corresse pelo melhor, até o proprio Canal de Inglaterra amansou suas ondas, por costume velho sempre revoltas, para que a esquadra ingleza as sulcasse com toda a magestade.

E' caso rarissimo e digno de nota, e muito mais ainda se nos lembrarmos que já vamos em novembro adeantado e que os ventos no Canal costumam andar por ali como doidos n'um corredor de seus hospicios.

Não é vulgar nas regiões do norte este magnifico tempo que costumamos chamar o verão de S. Martinho e que entre nós passa para muitos como a mais bella estação do anno.

Que lindos dias temos gosado, depois das abundantes chuvas que trouxeram a alegria aos lavradores! Até Lisboa, menos sensível que os campos ás mudanças do céu, parece que toda se

enfeita com a luz dóce, levemente doirada, com que o pôr do sol, todas as tardes a illumina.

Animaram-se as ruas e as primeiras toilettes de inverno ficam bem este anno ás caras bonitas, o que infelizmente nem sempre acontece. Das 3 e meia ás cinco e meia, desde que o sol accende fogueiras nos vidros das casas altas, até que se accendem os primeiros candeeiros nas ruas, é agradável passear pelos sitios mais frequentados, a rua do Oiro, o Rocio, o Chiado. A Avenida, onde o oiro começa a cobrir as arvores, não tardará a assumir seu importante logar de passeio favorito.

N'estes dias de tão suave melancolia, convidando os espiritos para pensamentos ternos, para uma poesia indecisa, é triste recordar miserias e parece que mais desconsolam afflicções. Tudo respira paz, tudo respira amor; apenas uma ou outra saudade, mas d'aquellas de que nos fala Garrett no principio do seu poema, apenas a saudade parece que deve ter vida e não fica bem pensar-se em odios ou em desastres que devem ser vingados.

E foi n'um d'estes dias que nos chegaram noticias pormenorizadas do combate em que as armas portuguezas tiveram na Africa de baixar-se perante a audacia dos negros que, em proporção de dez para um, contra ellas marcharam e alcançaram victoria.

Ainda ha muito que esclarecer a este respeito e as versões que nos chegaram sobre os motivos da derrota, nem todas concordam. Erros houve decerto que é forçoso não se repitam, e Deus queira que seja desmentida a accusação de ter havido soldados nossos que no chão foram prostrados por imprudentes tiros da nossa artilharia.

Escreveu o utopista poeta Victor Hugo, máo propheta, que no principio d'este seculo já tudo seria paz! Como se enganava com seu bom desejo! E' de guerra, é de guerras que se fala. Quando acabará a do extremo oriente? pergunta-se. E ninguem sabe responder! Quantos mil homens hão de ainda verter o sangue no mais cruel dos espetaculos, vergonha nossa? De quando em quando, fala-se de mediação, e, passados dois dias, vem o desmentido. Fala-se de novo congresso na Haya; mas para quando?... Para o anno! E russos e japonezes vão morrendo ás centenas.

O caso de Hull não perturbou a paz; mas que terrores inspirou! Louvaram todos a prudencia de Inglaterra; foi louvado o imperador da Russia pelo telegramma em que mostrou seu pesar do succedido; deveu toda a Europa um enorme favor á França por sua intervenção; mas falou-se da guerra, e já era tempo de riscar este nome dos dictionarios modernos.

O descanso em que deve viver-se não pode ser apenas a folga que nos dá o páo que vai e vem. E' preciso que se vá por uma vez e não torne a vir, que ha por ali muito mais em que pensar-se e de mais vagem que uns brios guerreiros acariciados.

Se até Lisboa, onde isto é raro, teriamos agora occasião de falar um bocadinho em arte!

Nem menos de onze artistas, todos nacionaes, se apresentaram com seus projectos no concurso para o templo da Immaculada Conceição. Foram elles os srs. Adães Bermudes, Alvaro Machado, Francisco Carlos Parente, Joaquim Norte, Tertuliano Lacerda Marques, Raul Lino, Adolpho Marques da Silva, Costa Campos, Frederico Evaristo Gomes, José Ferreira da Costa e Pedro Machado.

Brevemente devem ser conhecidos os resultados do concurso. Os projectos serão expostos n'uma das salas da Academia de Bellas Artes. Os premios distribuidos serão tres, devendo ser executado o projecto que obtiver melhor classificação.

Pouco mais a arte agora tem dado, que deva aqui especificar-se, pois os proprios theatros, das peças que teem dado, quasi todas, são velhas conhecidas. A epoca ainda não chegou para elles. Fala-se de alguns originaes portuguezes, mas é de crer que todos sejam representados em epoca mais favoravel, na proximidade do natal, ou talvez mais tarde.

No theatre de D. Maria começaram ou vão brevemente começar os ensaios do *Rei Lear*, traducção em versos de Julio Dantas, devendo o principal papel do drama de Shakespeare ser desempenhado por Ferreira da Silva.

Mas está em Lisboa Jane Hading, e agora é ella que de todos atrahê a attenção, dos que gostam da arte e dos que sabem ter olhos para admirar uma das mais formosas mulheres do mundo. Diga-se a verdade, a formosura é um dos mais bellos dotes d'uma mulher de talento. E, se não fosse o falarmos de Jane Hading que o tem e de sobejo, acrescentariamos: «e até das que o não teem».

João da Camara

Sua Magestade a Rainha Regente D. Maria Pia

Na ausencia do reino, de S. S. M. M. El-rei o Senhor D. Carlos e da Rainha Senhora D. Amelia, de visita a Inglaterra, ficou Regente S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia.

Não é esta a primeira vez que, em identicas circunstancias, a augusta princeza, tem desempenhado as altas funcções de Regente do reino, provando a competencia de seu esclarecido espirito no acerto com que tem presidido aos negocios do Estado, revelando sempre quanta dedicacão lhe merece o povo portuguez, que lhe corresponde com respeitoso affecto.

Sua Magestade a Rainha Regente dignou-se visitar no dia 14 o venerando presidente do conselho sr. conselheiro José Luciano de Castro, com quem teve larga conferencia sobre os negocios publicos, por que muito se interessa.

No dia 17 recebeu Sua Magestade os cumprimentos de todo a corpo diplomatico, no Paço da Ajuda, e os da camara municipal de Lisboa pelo presidente e mais vereadores do municipio, pronunciando o sr. conselheiro Antonio de Azevedo uma breve allocução em que expremio todo o affecto que a capital dedica a S. M. a Rainha D. Maria Pia.

A recepção assistiu o sr. conselheiro Pereira de Miranda ministro do Reino,

VIAGEM DE SUAS MAGESTADES A INGLATERRA

Gratas noticias nos transmitem os telegrammas, da viagem do reis de Portugal a Inglaterra. Desde a partida de Lisboa de SS. MM. El-rei D. Carlos e Rainha D. Amelia, que os manarchas portuguezes tem recebido as maiores demonstrações de respeito e consideração no seu percurso.

Em Cherburgo, onde os reaes viajantes chegaram, no dia 14, com um tempo esplendido, foram aguardados pelas auctoridades civis e militares francezas e a officialidade dos navios de guerra francezes e da esquadra ingleza, que ali esperava a chegada dos soberanos. A cidade em festa saudou entusiasticamente os reis de Portugal; a banda do regimento, que fazia a guarda d'honra, tocou o hymno portuguez e os navios de guerra deram as salvas do estylo. A' noite tocaram musicas na praça da Republica e houve vistosas illuminações nos navios de guerra. O sr. Marquez de Soveral, nosso ministro em Londres aguardava tambem ali Suas Magestades.

Foi o yacht *Victoria and Albert* que conduziu os monarchas portuguezes de Cherburgo a Portsmouth, comboiado pela esquadra ingleza, atravessando o canal por entre as salvas da divisão da Mancha.

El-Rei D. Carlos appareceu então na ponte superior do yacht, fardado com o uniforme de almirante inglez trasendo as insignias da Jarreteira. A Rainha acompanhada do sr. Marquez de Soveral e do almirante inglez, subiu á ponte inferior. As tripulações nas vergas, levantavam os *hurrahs* do estylo.

Ao desembarque augmentou o entusiasmo e, por entre as aclamações da multidão e o hymno portuguez tocado pelas bandas militares, receberam os reis de Portugal os affectuosos cumprimentos de S. A. o Principe de Galles que, com o seu estado maior, o almirantado e o pessoal da legação portugueza, aguardava a chegada de Suas Magestades. O *lord mayor* de Portsmouth saudou os monarchas portuguezes, em nome da cidade, saudação a que El-rei D. Carlos respondeu em inglez.

D'esta cidade seguiram os reaes viajantes para Windsor onde chegaram ás 3 horas da tarde. Windsor estava de galla principiando pela *gare* ornamentada de bandeiras portuguezas e inglezas, e festões de flores.

Foi commovente o encontro dos monarchas portuguezes e inglezes. Os reis abraçaram-se repetidas vezes e as rainhas beijaram-se affectuosamente.

O *lord mayor* de Windsor saudou em nome do povo os manarchas portuguezes apresentando-lhe uma mensagem de boas vindas, manifestando o desejo de que a amizade e alliança secular das duas nações se prolongue por dilatados annos. A Sua magestade a Rainha foi offerecido pelas filhas do *lord mayor* lindos ramos de flores naturaes.

O cortejo real seguiu para o Castello de Windsor por entre os entusiasticos *hurrahs* do povo

que enchia as ruas do transitio, enquanto as bandas marciais tocavam o hymno portuguez.

O tempo tambem se associou á festa, apresentando-se o ceu livre dos nevoeiros ali dominantes, deixando gosar um lindo dia de outono, como de poucos ha memoria.

Assim deram entrada os reis de Portugal no Castello de Windsor onde os altos dignatarios da cõrte aguardavam sua chegada.

Para camarista de El-Rei D. Carlos foi nomeado o conde de Erroll e da Rainha Senhora D. Amelia o visconde de Churchill, e para dama a condessa de Antrim. Para officiaes ás ordens o vice-almirante Wifewkes, coronel Legge e capitão Darell Brown.

O dia seguinte ao da chegada foi destinado á grande caçada na matta do Castello, e ao jantar de Galla, de 164 talheres. As mesas estavam dispostas na grande sala S. Jorge e o jantar principiou ás 9 horas.

O Rei Eduardo VII dava a direita á Rainha Senhora D. Amelia e a esquerda á princesa de Galles; a Rainha Alexandra a direita a El-Rei D. Carlos e a esquerda ao principe de Galles.

Assistiram ao jantar os altos dignatarios da cõrte e da comitiva real portugueza, o ministerio inglez, o ministro dos negocios estrangeiros portuguezes sr. conselheiro Eduardo Villança, Marquez de Soveral e secretarios da legação portugueza em Londres, Os presidentes das duas casas do parlamento inglez, membros do corpo diplomatico etc.

Não é facil descrever todo o esplendor e grandeza d'esta festa real. Não se sabe que mais admirar, se as preciosas decorações artisticas da sala S. Jorge, se as costosas baixellas de ouro, ou a riqueza das *toilets* das damas da corte onde scintilavam os brilhantes e pedras preciosas por entre as fardas consteladas de condecorações e dourados dos altos dignatarios. A cordealidade é grande e mais se animam todos quando Eduardo VII faz o seu brinde a D. Carlos I. Neste brinde lembra o monarcha inglez, rei de um grande povo e imperador das Indias, a cordeal recepção que lhe foi feita em Lisboa na sua ultima visita a Portugal, e maior é agora sua satisfação, por se ter assignado n'aquelle dia, em Windsor, o tratado de arbitragem lizo-inglez, o que assegurava a antiga amizade e alliança entre as duas nações, fazendo votos para que fossem perduraveis, para assim trabalharem juntas pela causa da humanidade e da paz. Eduardo VII concluiu bebendo em honra de seus reaes hospedes, desejando longa vida aos monarchas portuguezes.

El Rei D. Carlos, correspondeu a este brinde, agradecendo em seu nome e no da Rainha, a cordeal recepção que lhe era feita e o quanto eram apreciadas em Portugal as palavras que o Rei de Inglaterra tinha proferido em Lisboa. Historicas ficaram essas palavras para que jámais se apagassem da sua lembrança e da do seu povo. A alliança dos dois paizes data com effeito de longe e podia dizer a Sua Magestade que encontrará sempre nos portuguezes a mesma lealdade dos tempos em que os dois povos verteram juntos seu sangue. Hoje que se tornava publico o tratado de arbitragem, de tanto interesse para o paiz, bebia á saúde de Suas Magestades o Rei Eduardo, Rainha Alexandra e de toda a familia real.

Conforme o programma da recepção, no dia 17 realisaram os soberanos portuguezes a sua visita á City. Põde dizer-se que foi triumphal essa visita. Por todo o trajecto que os reaes visitantes percorreram, a população acudia em massa a victorial-os. As ruas decoradas de arcos triumphaes, de grande profusão de bandeiras, flôres, escudos de armas e legendas em portuguez, saudando os visitantes e recordando fastos historicos, apresentavam um espectáculo deslumbrante.

Em Paddington receberam Suas Magestades uma mensagem do *lordmayor*; em Marylebone outra e na Guidhall outra, sendo esta entregue n'um cofre de ouro artisticamente trabalhado.

A recepção na City não podia ser mais imponente nem mais significativa. Era luzido o cortejo, á frente do qual iam os principes de Galles, precedidos de charamellas, arautos, porteiros da cana, dignatarios com as massas e espadas, e a corporação da City com os seus trajes mediaes.

Na Great Hall foi servido um *lunch* a Suas Magestades e sua comitiva, a todos os dignatarios e corporação da City, legação e representantes da imprensa, incluindo os enviados especiaes da imprensa portugueza, ao todo 900 talheres.

El-Rei D. Carlos brindou ao povo inglez, ao *lordmayor* e á corporação da City, recordando a historia das relações intimas entre Portugal e a Inglaterra desde os tempos das crusadas em

que portuguezes e inglezes guerreavam os mouros. Lembrou tambem os laços de parentesco desde D. Filippa de Lencastre que casou com D. João I de Portugal e da princeza D. Catharina de Bragança que casou com o rei Carlos II de Inglaterra. O quanto esses laços se tem estreitado no andar dos tempos e o quanto mais se asseguravam com o tratado de arbitragem que acabava de assignar.

Por mais de uma vez os applausos romperam espontaneos ao brinde do monarcha portuguez, sendo grande o entusiasmo de todos.

A impressão geral que as palavras do rei de Portugal produziram não podia ser mais grata ao povo londrino, que satisfeito dizia não ter memoria de uma recepção tão significativa e estimada.

Se a estas manifestações de cordeal amizade e de conveniente interesse entre os dois povos, juntarmos o projectado casamento do Principe Real Senhor D. Luiz Filippe com uma princeza ingleza, facil é calcular o grande alcance politico d'esta dupla alliança entre os dois paizes.

Como dissemos, aguardava a chegada dos monarchas portuguezes, em Portsmouth, o principe de Galles Jorge Frederico Ernesto Alberto, filho primogenito do Rei Eduardo e herdeiro do throno de Inglaterra. Nasceu a 3 de junho de 1865, em Marlborough House. E' duque de York de Cornwall. Killarney e Rothesay, Senhor da Escocia. Membro da Camara Alta, ajudante de campo de S. M. Eduardo VII, coronel das forças navaes, dos couraceiros prussianos e da marinha allemã. Casou com a princesa Victoria Maria de Teck em 6 de julho de 1893. D'este enlace tem cinco filhos, os principes Eduardo, Alberto, Henrique, Jorge e a princesa Victoria.

Fazendo parte da comitiva real foi a sr.^a condessa de Seisal, dama de honor de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, e uma das mais nobres fidalgas portuguezas por nascimento e apreciaveis dotes pessoais.

O sr. Conde da Ribeira, camarista tambem da Rainha, fidalgo de primeira linhagem, muito estimado na cõrte por suas altas qualidades de caracter.

O sr. Conde de Arnoso, secretario de S. M. El-Rei D. Carlos, espirito finissimo e escriptor brilhante, que dignamente exerce tão elevado cargo.

O sr. Conde de Tarouca, ajudante de campo de El Rei, distincto fidalgo e official do exercito, tão estimado por sua illustração como pela ihanza do trato.

O sr. Guilherme Capello, contra-almirante ás ordens de S. Magestade e um dos mais valiosos officiaes da nossa marinha com larga folha de serviços ao seu paiz.

Dr. Antonio de Lencastre, medico de Suas Magestades, e um dos mais conceituados clinicos por seu saber e intelligencia.

JANE HADING

Pela segunda vez temos em Lisboa a celebre actriz do theatro francez Jane Hading.

E' no theatro D. Amelia que esta apparece ao publico da capital e ali poderá ser applaudida no seu bello repertorio a grande artista de que Paulo Bourget disse: «poderia ter rivaes mas não superiores.»

De Jane Hading se pôde dizer, sem figura, lhe nasceram os dentes no theatro, pois que aos tres annos, fez a boneca no drama *O Corcunda*.

Predestinada para a scena, a sua carreira tem sido triumphal, creando personagens em que é unica e inimitavel, como lhe chama Marcel Prevost.

Jane Hading vem agora acompanhada de outros artistas de valor, como Le Bargy e Grand o notavel galã da *Comedie*.

Etelvina Serra

Quando umas estrellas se apagam bom é que outras appareçam a brilhar na constelação da Arte. Muitas tem desaparecido para o occaso da morte ou para a invalidez da idade; outras vem despontando como risonha esperanza consoladora.

Etelvina Serra apparece-nos agora no palco do theatro da Avenida, tendo completado o seu curso no Real Conservatorio de Lisboa.

Ainda bem que o Conservatorio já nos dá artistas para o theatro. Este anno quatro ali completaram seu curso Silvestre Alegim, Simões Coelho, Jesuina Mottili e Etelvina Serra.

A estreia d'esta ultima, assistimos no theatro da Avenida em a noite de 8 do corrente, com a representação da opereta *Fauslo o Peliz*, em que Etelvina Serra desempenhou o papel de Margarida, muito bem, tanto na parte comica, como na parte do canto, revelando sua voz afinada, de timbre agradável, conseguindo arrancar espontaneos applausos da plateia, que assim manifestou seu agrado pela novel artista.

Etelvina Serra apresenta-se sob os mais promettedores auspicios. Figura elegante e graciosa, voz agradável tanto na declamação como no canto, e os conhecimentos de arte que mostra possuir, são outros tantos motivos para agourar á novel actriz um grande e brilhante futuro.

Bem fez Sousa Bastos, em escripturar esta artista para a companhia do theatro da Avenida, onde brilha como estrellada de primeira grandeza Palmira Bastos.

JULIO DE SOUZA CAMARA

E' já hoje uma individualidade artistica e de um largo futuro.

Julio de Souza Camara conta apenas 27 annos e viveu na nossa intimidade dos 14 aos 19.

Ali pelo anno de 1891 começou Julio Camara a aprender a arte de gravura no atelier do nosso director artistico, sr. Caetano Alberto, d'onde sahio aos 19 annos para se dedicar á musica.

Estudando com tenacidade extraordinaria de dia e de noite, auxiliado por um methodo de bandolim, conseguiu tornar-se um professor distincto alcançando d'esde logo muitas lições particulares e chegando a leccionar em alguns collegios dos principaes, como Escola Academica, Collegio Luso-francez e outros.

Da proficiencia como exerceu o seu novo mister de professor de bandolim melhor que nós poderiam attestar as suas muitas discipulas, lembrando-nos para citar neste momento as nomeadas senhoras D. Maria Libania da Silva e D. Maria Thereza de Avellar, alem de muitas senhoras da colonia brasileira.

Dos collegios onde leccionou por longo tempo, bem como das suas discipulas, conserva Julio Camara attestados honrosissimos, que bem demonstram o elevado apreço e consideração em que todos tinham as suas aptidões musicas e os seus merecimentos artisticos.

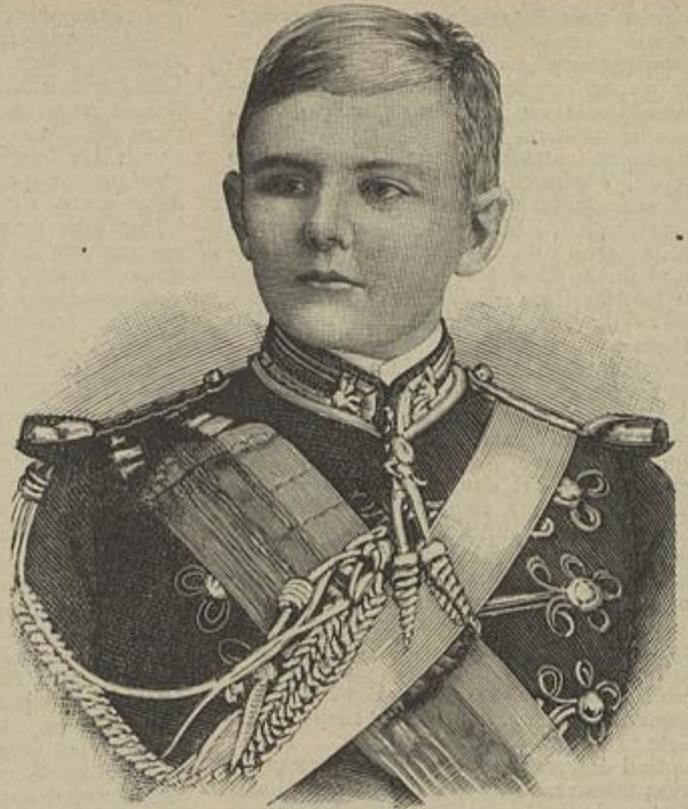


JANE HADING

Viagem de Suas Magestades a Inglaterra



S. A. O PRINCEPE DE GALLES JORGE FREDERICO
HERDEIRO DO THRONO DE INGLATERRA



S. A. O PRINCEPE REAL D. LUIZ FILIPPE, HERDEIRO DO THRONO
DE PORTUGAL

Mas se Julio Camara se revelou na musica o talento que todos lhe reconhecem, é bom que não fique por dizer aqui, que tambem como gravador deixou espalhados por muitos jornaes illustrados e especialmente na revista illustrada O OCCIDENTE, trabalhos que bem demonstram que, se a sua paixão predominante não fosse a musica, elle seria um dos artistas de maior futuro na arte da gravura.

A sua vocação artistica segredava-lhe, porem, mais rasgados horisontes, o seu character irrequieto não se comprazia na vida de atelier, precisava maior expansão, maior luta para alcançar maior gloria e foi assim que de musico passou a cantor.

N'esta qualidade já tivemos occasião de o admirar e applaudir publicamente, em concertos e saraus que se teem realisado tanto em Lisboa como n'outras cidades.

Julio Camara possui uma voz de tenor extensa sonora e bem timbrada, tendo sido os seus primeiros estudos feitos com o eximio professor de canto já fallecido Napolenoi Vellani, nome bem conhecido dos nossos leitores.

Apoz o fallecimento d'este benemerito da arte, e dizemos assim, porque Julio Camara encontrou em Vellani não só um professor como um dedicado protector e amigo, logo o director do Conservatorio Real de Lisboa sr. Augusto



CONDESSA DE SEISAL

Dama de honor de S. M. a Rainha D. Amelia

Machado, distincto maestro, o chamou a si, admitindo-o como discipulo e obtendo-lhe, com o parecer do inspector sr. Eduardo Schwalbach uma pensão, visto que Julio Camara, não tendo meios de fortuna ver-se-hia obrigado a abandonar completamente os seus discipulos para se dedicar em absoluto ao estudo que lhe era exigido.

Em proveito de Julio Camara organisou então o Inspector e o Director d'aquelle estabelecimento musical um concerto, onde Camara deu as primeiras provas publicas numa audição em que revelou desde logo qualidades de cantor verdadeiramente apreciaveis.

Julio Camara seguiu todo o curso de canto theatral do conservatorio, frequentando tambem os tres annos de arte dramatica sempre com optimo aproveitamento.

Tanto assim é, que, este anno, no sarau de abertura das aulas do conservatorio em que Julio Camara tomou parte, teve as honras da noite, bisando os trechos que lhe couberam e foi chamado e felicitado, tanto pelo digno inspector como pelo talentoso director d'aquelle estabelecimento.

Ultimamente n'uma tournée, em que se pode dizer visitou todo o paiz, obteve ovações ruidosas em muitas cidades em que se apresentou, especialmente na Figueira da Foz onde alcançou



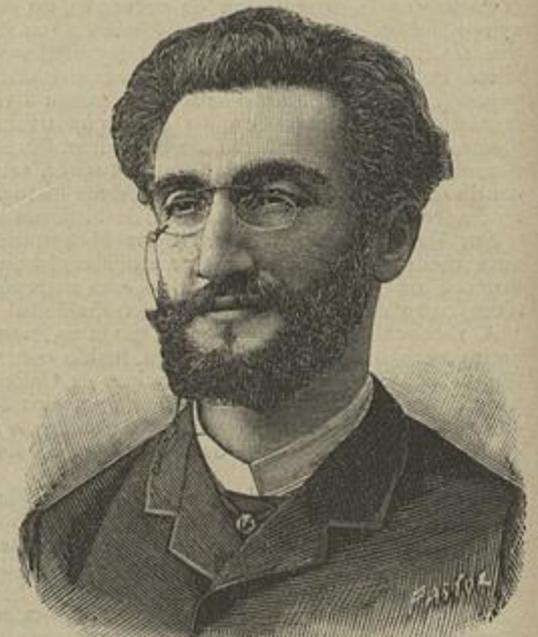
CONDE DE TAROUCA

Ajudante de campo de S. M. El-Rei D. Carlos



CONDE DE ARNOSO

Secretario de S. M. El-Rei D. Carlos



DR. ANTONIO DE LENCASTRE

Medico de Suas Magestades



EETELVINA SERRA



JULIO CAMARA

um verdadeiro triumpho no theatro D. Amelia, no sarau ali organizado pela Tuna Commercial de Lisboa e para o qual havia sido convidado a tomar parte.

Foi essa noite de festa, que Julio Camara nunca esquecerá em toda a sua vida, que levou alguns seus amigos ao convencimento de que, com maior estudo n'um meio artistico de mais vastos recursos, esse rapaz poderia ser um dia uma gloria para Portugal.

Por conta d'elles correm as despesas com o com-

plemento da educação artistica de Julio Camara que segue para Milão, onde se demorará o tempo indispensavel para esse fim.

Muito desejaríamos ouvil-o e abraçal-o d'entro em breve, mesmo para termos o prazer de ver coroado de bom exito um acto que tanto honra os amigos de Julio Camara.

P.

Inauguração do monumento a Soares dos Reis

No ultimo numero do OCCIDENTE fizemos a historia do monumento a Soares dos Reis, que seus conterraneos lhe levantaram em Villa Nova de Gaya, só hoje, porém, por ter chegado tarde, podemos publicar o bello instantaneo da inauguração do monumento, no largo de D. Pedro V, que dá uma perfeita ideia d'aquella cerimonia, que foi uma verdadeira festa publica, como poucas se tem realisado na historica e gloriosa villa.



INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A SOARES DOS REIS, NO LARGO DE D. PEDRO V EM VILLA NOVA DE GAYA
(Instantaneo do sr. Augusto Maria Pinto)

A Associação dos Empregados no Commercio e Industria e o seu quinquagesimo anniversario

Na espaçosa sala *Portugal* da Sociedade de Geographia, realisou-se no dia 6 do corrente a festa commemorativa das Bodas d'Ouro da prospera Associação dos Empregados no Commercio e Industria fundada em 1854 por Freixão Coelho, Dias Pinheiro, José Romão Collares, Alfredo Dias, João Leocadio Porphirio e J. Francisco Lisboa.

Resumidamente damos aqui os traços biographicos de cada um dos socios fundadores começando por:

Antonio José Freixão Coelho. — Foi um empregado de confiança, no antigo contracto do tabaco, onde era considerado bastante por todos os que privavam com elle, mas em 1846, quando do movimento da Maria da Fonte, abandonou o lo-



ANTONIO JOSÉ FREIXÃO COELHO

gar por dissabores soffridos; não desanimou, contudo, de fór... a que passado algum tempo foi para a Fabrica de Tecidos d'Algodão, como empregado de escriptorio, até que passou a administrá-la. Tem sido um grande trabalhador e agora impossibilitado pela doença — não sáe de casa, mas ainda tem amor a tudo quanto diga respeito á agremiação de que foi o sexto fundador.

José Antonio Dias Pinheiro. — A 30 de julho de 1833, nasceu em Guimarães o nosso biographado, que embarcou em 1857 no vapor *Vesúvio* com destino a esta capital, com recommendações para um parente estabelecido na rua da Boa-Vista, onde se conservou até 74; ambicionando fortuna montou um estabelecimento de fazendas de panno de linho, transaccionando com a Africa o que lhe fez soffrer tão graves transtornos que teve de fazer



JOSÉ ANTONIO DIAS PINHEIRO

uma amigavel combinação com alguns credores que a acceitaram, á excepção d'um que, não se conformando, embora já tivesse recebido uma parte do seu credito, requereu fallencia para o Tribunal do Commercio, decisão esta com que se desgostou bastante, de forma a abandonar a carreira commercial e a servir-se da amizade de Saraiva de Carvalho por essa epocha ministro das Obras Publicas, para o collocar na Direcção dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro como aspirante. Desde 99 que um forte ataque de rheumatismo o obrigou a reformar-se, com 60 % do seu ordenado, attendendo ao seu magnifico serviço durante 18 annos. Vive actualmente no Porto.

José Romão Collares. — E' tambem um benemerito de quem havia muito a dizer, mas basta apenas a referencia d'um acto de sua vida para o enobrecer muito: com os seus dois collegas e socios Alfredo Dias e Freixão Coelho foi um dos



JOSÉ ROMÃO COLLARES

que influíu junto do Enfermeiro-mór do Hospital de S. José em 58 — quando da epidemia da febre amarella — para se crear uma enfermaria propozida para os socios d'esta associação serem tratados com disvello e carinho.

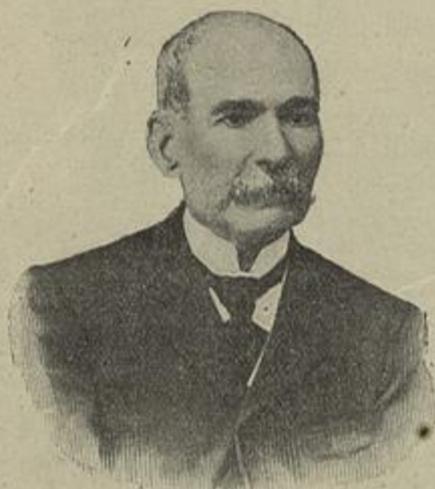
João Alfredo Dias. — Entrou em agosto de 1845 para a casa de José Antonio Machado, na rua dos Fanqueiros; no anno seguinte o caixeiro homisiou-se, ficando a gerencia da casa a cargo de Dias, até ao fallecimento do proprietario. Ainda



JOÃO ALFREDO DIAS

que novo tomou conta — por procuração — do estabelecimento; mais tarde, deu-lhe sociedade, por ver que era digno d'aquella prova de confiança. Atraz já foi dito — referindo-nos a José Romão Collares — como se portou quando da febre amarella. Está, como os anteriores, impossibilitado.

João Leocadio Porphirio. — Aos quatorze annos veio commerciar como marçano na casa de Francisco José Ferreira, da rua dos Fanqueiros. A sua



JOÃO LEOCADIO PORPHIRIO

vida não foi tão apoquentadora como a dos anteriores, porque até 1902 — isto é aos 72 annos —

é que abandonou o estabelecimento para onde entrára.

José Francisco Lisboa. — Entrou com 13 annos para a casa do capellista sr. José Maria da Silva. Uma vez ahí subiu a caixeiro de balcão, passando depois para o estabelecimento de Bernardo José



JOSÉ FRANCISCO LISBOA

Soares. Em 1857 achava-se de convalescência no Poço do Bispo d'uma grave doença, quando se declarou em Lisboa a febre amarella e temendo — com justa razão — ser uma das victimas da epidemia, deixou-se ficar, o que deu em resultado perder o seu antigo cargo.

Poucos annos depois, acompanhado de seu pae José Antonio Lisboa, foi para o deposito da fabrica de Alcantara, de Francisco Evangelista Pacheco, onde permaneceu até 1861. Em 1881 — por fallecimento de José Manuel Abrantes — tomou a seu cargo a loja de ferragens da rua da Alfandega, que ainda lhe pertence, de sociedade com seu filho Eduardo Lisboa.

A festa da commemoração do quinquagesimo anniversario d'esta sociedade na Sala Portugal da Sociedade de Geographia, esteve imponentissima e foi a chave d'ouro com que fechou a festa que havia principiado de dia, com a visita ao cemiterio dos Prazeres a prestar homenagem a um dos fundadores, Antonio José Pereira Serzedello. No jazigo, apóz umas sentidas palavras do actual presidente, sr. José Maria Pereira, foi deposta uma corôa de heras e violetas, com fitas rôxas, onde se lia: *A Associação dos Empregados do Commercio e Industria de Lisboa, ao seu primeiro presidente da assembleia geral Antonio José Pereira Serzedello.*

A' noite, na sessão commemorativa, falaram os srs José Maria Pereira, dr. Theophilo Braga, Zeferino Candido, Manuel d'Arriaga, Simões d'Almeida, Antonio Joaquim d'Oliveira, Alberto Nazareth, Antonio Barros, Cardoso Figueiredo, Antonio J. Carlos da Silva e Leite Ribeiro.

Ao concluir o discurso do sr. Leite Ribeiro a Tuna Commercial, sob a direcção de Miguel Ferreira, executou o *Hymno* que este maestro compoz e dedicou á digna associação; o hymno foi ouvido de pé por todos os que tiveram a ventura de assistir a tão imponente festa, que foi presidida pelo sr. Almeida d'Eça, como representante da Sociedade de Geographia.

Estavam grandemente representadas as associações congeneres e a imprensa.

Foi esta commemoração a tal ponto oommovente e agradável, que ha de ficar registada em letras d'ouro na historia da Associação em Portugal.

UM PAR DE BOTAS DE BARCA

POR

Ludwig Nöbel

Volvido um anno

(Continuado do numero 930)

Seriam umas dez horas da manhã, quando ali cheguei; dispondo apenas de uns côbres, contentei-me com uma chavena de café e tratei de indagar onde ficava situado o monte-pio da cidade, com o sentido de me desfazer da unica al-

faia dispensavel de que podia dispôr, a saber: a minha capa á Talma, a fim de poder pagar o meu bilhete de caminho de ferro até Francfort. Aliviei pois os hombros do peso d'aquella prenda sobreceiente, apresentei-a ao empregado da caixa economica, e este, com brevidade commercial, após de haver medido o meu tápiso com olhos de intendedor, entregou-me dois thalers e o recibo, e em tom de indifferença desejou-me boa jornada.

Era mesquinha a quantia, e insufficiente, e eu tinha contado com o dôbro, quando menos; mas, que se lhe havia de fazer?

Quem não pôde apanhar a galinha contenta-se com o ovo, disse comigo, e lá fui calculando até ao caminho de ferro.

— Senhor Ludwig, meu prezado amigo e collega, ousou crer que não conhecerá por experiencia propria a quarta classe do caminho de ferro? Pois outro tanto não direi eu! E' para mim, até, a mais commoda, visto ser a que corresponde ao estado ordinario da minha bolsa; indaguei quanto custaria um bilhete de quarta classe para Francfort, pergunta que obteve resposta mui pouco agradavel para os meus ouvidos:

— Os nossos comboios não incluem vagon de quarta classe, temos apenas um comboio misto, cujo preço é equiparado ao da terceira classe, mas só parte ás dez horas da noite.

— E quanto custa um bilhete de terceira classe, para Francfort, se me faz favor?

— Um thaler e 26 groschens, foi a resposta e correu-se o postigo.

Fiquei, pois, sabendo que, pagando o meu logar, me sobriam apenas quatro groschens, noticia sobremodo triste para quem como eu ia a cair de fome, e contando, apenas, para combater o frio, com um casaco de verão, já muito coçado. Que mais quer que lhe diga? Para ali me aguentei, todo o dia entanguido, com o casaco abotoado até ao pescoço e a gola levantada para as orelhas, quebrando as esquinas de N, a tiritar de frio, e a rapar fome, e á noitinha fui-me chegando até á estação, resolvido a derreter os meus 4 groschens, enquanto esperava pela partida do comboio.

Chegou afinal o almejado instante, e subi para um vagon, que ia vazio, e atrelado na cauda do comboio; surpreendia-me um tanto o facto de não vir ter comigo o revisor, a marcar-me o bilhete, contentei-me, porém, com o seguinte argumento: quando a elle lhe não dá cuidado, a mim ainda menos! atirei comigo para cima do banco e adormeci.

O frio abrandára um tanto para a noite; em compensação o tempo entroviscára-se, e assim se conservou, permitindo-me gosar umas horas de somno confortativo, sem que me incommodasse sobremodo a friagem.

Devo ter dormido optimamente e durante muito tempo, pois quando acordei era já quasi dia claro, e o silvo prolongado da locomotora veio confirmar-me em como iam entrar em uma estação. Como, áquella hora, era provavel estarmos já em Francfort, a minha primeira impressão ao despertar d'aquelle dia, foi de verdadeiro contentamento, pois que a despeito de me sentir trespassado de frio, alcançara afinal vêr satisfeitos meus desejos. Corri o postigo de vidro e, com grande gaudio, defrontou-se-me uma cidade de arrazoadas dimensões.

— E' Francfort, não ha duvida! disse comigo, e tratei de alisar um tanto o cabello. Estava parado o comboio; surpreendeu-me, por mais uma vez, não vêr o revisor abrir a porta, e tive pois que o substituir em suas funcções; e o que, porém, me causava maior surpresa, era o facto de haver parado o comboio a tamanha distancia da plataforma, e a surpresa em mim assumiu as proporções de assombro perante a circumstancia, de ser eu o unico passageiro que se apeou do comboio.

— E a mim que m'importa, visto que cá estou, afinal! disse comigo, galgando resignado os dez ou doze trilhos de carris até alcançar a plataforma; atravessei a estação, dirigindo-me para a sahida que dá para a cidade — assombrado e não pouco, ante a extraordinaria mudança, operada em Francfort em periodo de tempo relativamente curto, — não chegava a anno e meio. E subi de ponto o meu assombro, quando, ao perguntar a um sujeito que ia passando:

— Que direcção me convinha tomar para ir ter á estação dos guardas de segurança? este me respondeu: E' coisa que não conheço por cá.

— E o caminho para o Zeil? indaguei ainda.

Muito menos, retorquiu o sujeito.

Olhei para elle, attonito, e perguntei:

— Pelo que vejo, o senhor não é d'aqui?

— Ora essa! Nascido e creado, impugnou.

— Se eu o percebo!... Dar-se-á o caso de que a cidade já se não chame Francfort!

— Decerto que não, nem hoje nem nunca, desde que é cidade sempre se chamou W.

Fitei os olhos, pasmado, no meu collocutor, murmurando, cá comigo:

— E' doido, por mais que me digam? atravessei porém, apressado a estação, que se me ia antolhando agora de mais em mais familiar, como se poucas horas antes a tivera presente, investi para a plataforma, fui direito ao expedidor e perguntei-lhe, rapido:

— Faz favor de me dizer como se chama esta Estação?

— Não foi menos rapida a resposta:

— W.

Intuí, fiquei sem fala, por instantes, e mirei o bom do homem com uma cara, — calculo que seria assás estapafurdia, visto como ao expedidor lhe custou manifestamente a manter seriedade, e se dispunha a ir tratar da sua vida, eu porém, agarrando-o com força por um braço, em transe da maxima afflicção, disparei-lhe a seguinte pergunta: como é que elle explicava o facto, de haver eu, na vespera á noite, abalado ás 10 horas de W. andado toda a noite, e ás 7 horas da manhã encontrar-me outra vez na dita Estação?

O que deu em resultado mirar-me elle com uma cara, que se me afigurou não se avantajarem muito á que eu, anteriormente, lhe havia exhibido.

— Saiu d'aqui hontem á noite, ás 10 horas, no comboio misto? perguntou.

— Exactamente, respondi, e como prova, aqui está o meu bilhete.

O expedidor, e ainda outro empregado, que de nós se acercára, miraram e tornaram a mirar o bilhete, e abanaram a cabeça.

— O bilhete é authenticico, não ha duvida; mas não está furado, ponderou o expedidor.

— Disso não tenho eu culpa, repliquei, visto que ninguém me appareceu para o furar, e não era eu quem havia de ir ter com o revisor.

— Já se vê que não, obtemperou o expedidor, e o senhor está completamente ao abrigo do regulamento; mas se quizesse ter a bondade de entrar ali no escritório, vou informar-me a respeito do caso, e participar-lhe-ei o que pudér apurar.

Entre no escritório do expedidor e muito bem me soube o calor do respectivo fogão; dali a instantes vieram ter comigo outra vez ambos empregados; e vim no conhecimento do seguinte:— depois de eu lhes ter respondido á pergunta: se acaso eu teria vindo a dormir todo o caminho, e se não teria dado fé de alguém me haver chamado, ou de qualquer outro ruido, — que me deitára a dormir no vagon assim que para elle entrei, e que acordára aqui á chegada.

— Ora, bem! accudiu o expedidor, o caso explica-se pela seguinte forma: O comboio misto partiu hontem á noite á hora regulamentar e, como de costume, levando duas máquinas, por causa da ladeira um tanto ingreme que ha em L. A breve distancia de L. e no sitio justamente em que a ladeira apresenta maior inclinação, fez signal o maquinista da locomotiva que ia na frente, de que havia um desarranjo na mesma. Tirou desde logo o comboio, e o pessoal do movimento, depois de breve consulta, desingatou a maquina avariada, e fez regressar o comboio, movido pela que estava incolume, para a ultima estação percorrida. Afim de evitar demora aos passageiros, resolveram reuni-los, nos limites do possivel, a todos na mesma carruagem, e depois, com o numero unicamente de vagon de mercadorias que a maquina pudesse comportar, seguir viagem para Francfort, via L. Os restantes vagon de mercadorias, as carruagens vazias, e conjunctamente a locomotiva avariada, deviam ser arredadas da linha, para facultar livre transito aos comboios nocturnos quer a ascendentes quer descendentes, telegrafariam para aqui de W. a requisitar outra maquina, e esta, assim que se achou pronta a funcionar, marchou para a estação do apeadeiro de H. a umas seis milhas d'aqui, e foi buscar a maquina avariada e as carruagens desviadas da linha, esta madrugada, ahí pelas seis horas. Pelo que ao senhor lhe diz respeito, o caso esclarece-se do seguinte modo: Subiria para algum vagon sem indagar previamente do expedidor, se era aquella a carruagem em que devia ir.

E ahí estava a explicação do caso!

— Ha! ha! E foi o senhor provavelmente quem fechou a porta do vagon?

— Pois já se vê, não apparecia o revisor e o frio varava a carruagem de lado a lado, incomodando-me a valer, pois, como vê, trago apenas em cima do corpo este casaquinho.

— Muito bem! E depois adormeceu, e não deu fé do mais que se passou. O revisor não o tendo

visto subir para o vagon, não lhe foi verificar o bilhete. Quando succedeu o accidente, passaram revista ás carruagens, intimando os passageiros a que se apeassem; mas o revisor não reparou no senhor, pelo facto do senhor se achar deitado no banco, e lhe não responder, e d'ahi, tinha a certeza de não haver deixado subir pessoa alguma para qualquer das carruagens, e eis ahí está o motivo devido ao qual o senhor, passando despercebido, aqui veio parar dentro de um vagon que suppunham vir sem gente.

E ahí tem, pois, a essencia do caso.

— A coisa apresenta seus visos de verdade, não ha duvida, mas, perguntei eu, que voltas hei de eu, agora, dar á minha vida? Não me cabe a minima responsabilidade com respeito ao succedido, que culpa tenho eu de que o revisor não inspecionasse com mais cuidado a carruagem? E d'ahi, dormir em vagon não me consta que, n'esta zona, seja caso prohibido. Dá-se, porém, a circumstancia de eu ter pago o meu bilhete com o unico dinheiro que me restava, e, em vez de estar a estas horas em Francfort, a contas com o meu almocinho bem quente, Deus sabe, agora, quando lá me acharei, se é que a neve e a fome consentirão em que eu chegue até lá.

Ao que me respondeu o expedidor:

— Pelo que diz respeito a seguir viagem, fica isso a nosso cargo, pois não é justo que seja o senhor quem carregue com as culpas da pouca attenção por parte do revisor. Dentro de meia hora vae partir o comboio do correio, para o qual a administração lhe fornecerá um bilhete gratuito de segunda classe, e no espaço de quatro horas, ahí pela volta do meio dia, dará entrada em Francfort; os vagon de segunda classe, no comboio do correio, tem caloríferos, e, portanto, não terá que se arrecear do frio, e com respeito a almoço quentinho, tomarei a liberdade de o convidar a acompanhar-me ao restaurante, se é que não tem duvida em ser meu comensal.

Ha de concordar, meu caro amigo, que perante uma tal prova de delicadeza, emudecesse o mais exacerbado sentimento da justiça; declarei-me satisfeito com as suas explicações e desisti de quaesquer protestos.

(Continúa)

M. Macedo.

DOIS LIVROS NOVOS

DE

D. Luiz de Castro

Mais dois livros vieram ha pouco á luz da publicidade devidos á penna d'este distincto agronomo e lente cathedratico do Instituto de Agronomia.

Destina-se um ao ensino da Instrucção Primaria, em harmonia com o programma geral decretado em 18 de outubro de 1902 e intitula-se *Rudimentos de agricultura pratica*. E' o outro *O movimento associativo rural*.



D. LUIZ DE CASTRO

D'estes dois trabalhos, tão diversos na sua synthese e nos fins a que se destinam, resalta bem á evidencia que o seu auctor, cujo talento tão bem provado tem sido, e que em aptidões de trabalho poucos o egualarão, mas nunca o excederão de certo, ocompanha não só todas as nossas questões agricolas, discute-as, indica os remedios para os seus males e provê aos meios do seu desenvolvimento e melhora, mas tambem no meio theorico sabe esclarecer os assumptos com a pre-



TYPOS HESPAÑOES — UMA VALENCIANA

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes
DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO
 Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS } Senhoras — ás 10 horas da manhã
 Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Anunciada, 9 — LISBOA

Pinheiro Martins

Joalheiro da Familia Real

279, Rua Aurea, 279 — LISBOA

Deslumbrante e variadissimo sortimento de objectos de Joalheria chic, recentemente chegados de Paris, Londres e Berlim, em platina, ouro, platina e ouro com perolas, brilhantes, esmeraldas, rubis, saphiras, turquezas, opalas, coraes, roza, onix, etc., etc. e artigos de muita phantasia proprios para brindes.

Patisserie Internationale

Porto & Cem. 1.^a

53, Avenida da Liberdade, 53, LISBOA

Todos os dias ha variedade em doces e bolos de todas as qualidades e continua esta tão já acreditada casa a receber das nossas provincias as suas melhores especialidades.

FORNECE LUNCHS, SOIREES E BAILES

Almanach illustrado do «Occidente»
 PARA 1905

Sahiu a publico este annuario, illustrado profusamente e com uma linda capa em chromo: Uma mulher do Minho. Recebem-se encomendas.

Preço 200 réis
 Empresa do OCCIDENTE — Lisboa

cisão necessaria para ser comprehendido pelos que se iniciam nos conhecimentos da grande sciencia agricola.

O compendio para as escolas é um trabalho que aproveita não só ao ensino primario mas que deve ser conhecido de todos que desejam ter a noção do que é agricultura desde a descripção da planta, da sua vida, utilização pelo homem, como o conhecimento da terra e dos seus componentes, dos correctivos e adubos para ella, dos amanhos, afolhamentos, rega e drenagem, das culturas especiaes e seus productos, como cereaes, legumes e outras plantas de horta, a vinha e o vinho, a oliveira e o azeite, pinhaes, soutos e montados, aves e insectos etc.

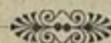
Por esta sumula se poderá bem avaliar o alto valor d'este trabalho.

O movimento associativo rural, é o thema d'uma conferencia realisada pelo distincto professor no Theatro Gil Vicente do Palacio de Crystal Portuense, em 10 de janeiro d'este anno, a convite da commissão organisadora da Exposição Agricola installada n'aquelle recinto.

Muitos pontos importantes e todos de vital interesse para a agricultura são tratados n'esta conferencia, em que se põe em parallelo a acção dos governos da Belgica e da França no desenvolvimento da agricultura d'esses dois paizes com o rotineiro systema adoptado pelos nossos homens publicos, que têm levado o seu indifferentismo a ponto de não pensarem na creação d'um ministerio da agricultura, que certamente traria um grande incremento á nossa industria agricola, que está muito aquem da Belgica, apezar de n'aquella nação não ter a importancia que se compare de longe com a da nossa terra.

Todas as indicações do illustre agronomo tendem a chamar a attenção dos nossos governos sobre uma industria com que o paiz tanto lucra já e com que muito mais poderia lucrar, dispensada a protecção official que se torna necessaria para isso, e é de esperar que mais tarde ou mais cedo ellas venham a servir de orientação a um plano que vise a desenvolver os nossos serviços agronomos ainda tanto na infancia por falta de estimulo, de remuneração condigna e de responsabilidade.

R.



LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

No «Jornal de Photographia» Mães recorda um processo antigo de viragem pelo phosphato duplo de sodio e ouro. — A fixagem é feita á parte, quando a operação da viragem está terminada — Uma das principaes vantagens, além da da conservação segura da prova, é que a tiragem deve ser feita pouco acima do tom que se deseja obter, no final da operação.

Dissolve-se 1^o de chloreto de ouro castanho em 500^{cm} de agua distillada, solução que se deve conservar ao abrigo da luz branca.

Para a viragem, dissolve-se uma colher de phosphato de sodio tribasico em 200^{cm} d'agua distillada, e junta-se em seguida, 40^{cm} da solução d'ouro. O banho, primeiro turvo, torna-se limpido, minutos depois.

Lavam-se as provas durante dez minutos e mergulham-se, depois, no banho de viragem. O effeito é rapido, sendo prudente não revelar mais do que 2 provas de cada vez. — Obtido o tom desejado, mergulha-se a chapa na agua pura; fixando-a no hyposulphito a 15%, lavando-a, em seguida.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
 nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 444, 1.^o (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 71, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO



Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Diagn. da bocca e cor. das def. nasas,
 clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.^o

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
 de Paris de 1900

**Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
 Italien et Portugais**

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal